1. Com o 25 de Abril de 1974, na primeira reunião em anfiteatro de que tenho memória no IS Técnico, foi proposto um ensino de engenharia ligado às fábricas e perto do trabalho dos operários, inspirado no modelo alemão de formação dual (nas instalações dos empregadores). A negativa dos professores presentes foi veemente e os esforços dos estudantes nesse sentido nulo. Escrevi anos mais tarde dois textos com o título “Porque não pomos os putos a trabalhar?”, um sobre como poderiam ser as escolas e outro sobre como poderiam ser as organizações numa sociedade que acolhesse esta ideia.
2. Quando entrei no centro de informática confrontei-me com as práticas de tentativa-erro por contraste com as de planeamento. Preferi as primeiras. Não lia os manuais. Fazia experiências de programação e via o resultado. Foi assim que aprendi. Anos depois, apreciei bastante o trabalho do analista com que trabalhei que me entregou planos de trabalho detalhados sobre o que era preciso fazer. Ocupado com o meu curso de sociologia e em dívida pelo facto de fazer um horário muito favorável para poder estudar, durante esse período produzi tanto como os meus outros 3 colegas de equipa de programação. (Não é extraordinário haver diferenças de produtividade enormes (30-1) em programação).
3. Quando fui contratado como professor para a universidade imaginava intensificar, tornar organizadas e quotidianas, as conversas sobre ciência e investigação (social). Durante o meu tempo de aprendizagem, na mesma universidade. Enquanto aluno, fui bastante interventivo nas aulas, com outros colegas, cujo diálogo entre nós e com os professores foi muito profícuo. Apesar das limitações de qualidade do ensino de então (não havia doutorados a dar aulas). O espírito competitivo e de funcionalismo público já fermentavam em embrião e vieram a produzir sindicatos de voto politicamente organizados para tomar o poder na universidade (que foi inaugurada em 1973), marginalizando e acusando os colegas como adversários e preguiçosos, por não colaborarem.
4. Quando abandonei o desporto federado por lesão na coluna fui incentivado por um antigo jogador a continuar, pois ele próprio, sem nenhuma lesão, tinha dores na coluna. Quando a minha filha se tornou campeã nacional e aspirou esforçar-se para ir aos jogos olímpicos acolhei-a a abandonar o desporto semi-profissional. A reacção dela foi de recusa violenta. Passados alguns meses, lesionada, acabou por abandonar.
5. Quando entrei no INE fiquei entusiasmado com o programa de reforma aprovado – que infelizmente falhou por oportunismo da liderança. A mesma equipe que liderou a produção do plano de reforma teve condições de o instalar – incluindo uma faculdade associada para formação de quadros. Desde o início o espírito reformista foi mal interpretado, quiçá pela ignorância académica do que é o mundo. No prazo de um ano ficou evidente para os trabalhadores do INE que tudo estava a ser mal dirigido. Passou mais de uma década para que o estado tenha reconhecido o fracasso da iniciativa.
6. Com o processo de Bolonha, havia possibilidade de libertar os estudantes e os docentes das amarras de programas de estudo e de investigação reconhecidamente ineficientes. Os objectivos de mútuo reconhecimento dos graus académicos em toda a Europa, segundo o modelo anglo-saxónico, porém, foram liderados por aceleração da desqualificação dos diferentes graus de ensino com vista à sua privatização e à criação de rankings de modo a assegurar uma formação de elites distante e independente das massas de estudantes e professores universitários, entretanto entretidos em glorificar as praxes académicas.